

DIA DO ÍNDIO

## O que mais querem os caras-pálidas?

José Sebastião Pinheiro

As matas não mais virgens, os rios não mais limpos, os animais não mais abundantes e livres, o ouro não mais em grande quantidade. Quase quinhentos anos depois e o cenário é bem outro. Os caras-pálidas mudaram tudo, bagunçaram tudo, revolveram tudo e agrediram o templo chamado natureza. Quase quinhentos anos depois e o que se vê é digno de dó, revolta e profunda tristeza.

As matas não mais virgens, os rios não mais limpos, os animais não mais abundantes e livres, o ouro não mais em grande quantidade. Tudo isso o fogo da cobiça queimou, tudo isso a inconsciência exterminou, tudo isso a desvairada ganância engoliu. Máquinas pesadas e assassinas rebulicam o chão, tombam árvores, removem montanhas em busca dos últimos restos de minérios.

E o homem vai se aprofundando em um extermínio da própria raça, machucando o pulmão verde, impedindo de pulsar o coração, atrofiando os passos, vedando os olhos que não mais vêem as verdes matas, os campos floridos. E o homem vai se aprofundando na saga assassina que mata a si próprio: quer tudo e transforma o seu mundo em nada, quer o poder e se pega impotente diante das catástrofes por ele próprio provocadas; quer o céu e faz da terra um enorme, sombrio e triste deserto.

As matas não mais virgens, os rios não mais limpos, os animais não mais abundantes e livres, o ouro não mais em grande quantidade. Seres moribundos se cruzam pelas ruas de passos apressados, olhares melancólicos se cruzam com mensagens de morte, mãos inertes se tocam sem o mínimo de emoção. Está tudo cinza. Está tudo tão triste. Está tudo tão sem sentido. Para onde estão levando a humanidade? E os pulmões, vão respirar o que? E os olhares vão enxergar o que? O macio das rosas as mãos não vão mais tocar?

As matas não mais virgens, os rios não mais limpos, os animais não mais abundantes e livres, o ouro não mais em grande quantidade. Os caras-pálidas se esqueceram do depois e na ânsia de viverem o hoje, mataram a vida matando as matas, secando os rios, garimpando a última gota de esperança. Os caras-pálidas cavaram seus túmulos, levando junto com eles tudo que encontram pela frente. Egoísmo levado às últimas consequências, ganância levada a extremismos devastadores. O que mais querem os caras-pálidas?

## O índio, um brasileiro marginalizado

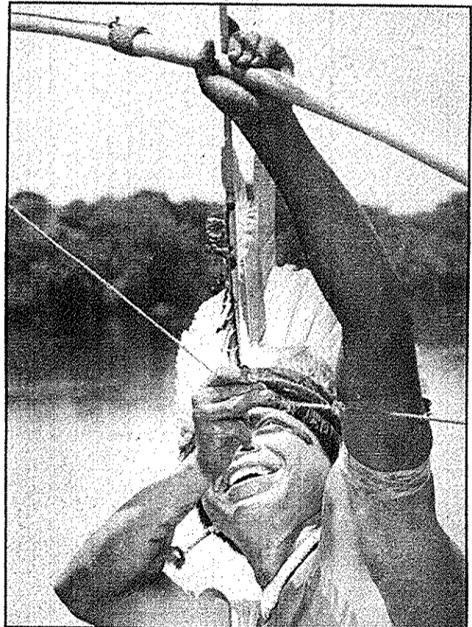
**Alvaro Catelan**  
Vivemos num país de imigrações, numa sociedade composta do ponto de vista étnico. Dentro de uma concepção primária e simplista fomos formados por três raças básicas que são o Negro, o Europeu e o Índio. Sabemos entretanto que estas três raças se misturaram com tantas outras que acabaram gerando uma profusão fantástica neste país de tantas misturas, o que significa, no plano da cultura e no plano da etnicidade, um país ou nação formados à base da pluralidade étnica. Isto acaba gerando uma certa crise na busca de nossa brasilidade, pois a mistura é realmente muito grande e marcante em inúmeros aspectos.

Sabemos que há hoje uma crise de identidade. Uma crise de identidade que assola até mesmo os países mais evoluídos, o que de certa forma nos deixa mais reconfortados diante de nossos problemas amargamente sérios. Por outro lado vale dizer que esta busca de identidade é um problema histórico, pois em toda a trajetória de nosso povo vamos sentir que há uma crise de brasilidade com relação aos segmentos étnicos resulta-

de nosso povo. Em termos mais claros e concretos vale destacar, por exemplo, a crise por que passamos hoje todas as manifestações da cultura popular não só em Goiás, como em todo o Brasil. Vivemos num tempo de perda, que é também ao mesmo tempo, um tempo de tomada de consciência acerca de nossos valores culturais que se estendem desde o Índio, passando pelo negro e demais etnias periféricas deste país continente.

E como nesta terça-feira, 19 de abril comemora-se o Dia do Índio, é preciso mais do que nunca uma séria reflexão por esta minoria ameaçada, onde a prova mais concreta aconteceu ainda recentemente no norte do Brasil com um aviltado massacre de nossos primitivos. Acreditamos que mais do que nunca o Índio brasileiro está por merecer esta especial atenção por parte do poder público, especialmente através da nova Constituição, que tem por obrigação, e esperamos que seja cumprida tal obrigação, no sentido de se reestudar toda a posição do Índio no Brasil, no que diz respeito principalmente à sua cultura, suas tradições e seus territórios, em síntese

é preciso que neste país o Índio seja definitivamente encarado como cidadão. O que foi sonho um dia, transformou-se em pesadelo, em desilusões e amarguras, em promessas e violências. As áreas indígenas foram aos poucos sendo invadidas por barragens hidroelétricas, rodovias, grileiros organizados e por todo tipo de ganância gerados nos tempos modernos. É preciso encarar o Índio sem aquele lado exótico e atraente, mas tê-lo como cidadão, uma vez que todas as de-



do desta mistura indecifrável de raças que se espelham em cada sobrevivente neste pedaço dos trópicos.

Em razão desta mistura é que ninguém sabe muito bem acerca desta brasilidade, apesar de todos estarem profundamente preocupados com ela. Podemos perceber claramente a partir dos posicionamentos acerca de nossas manifestações culturais, quando nos interrogamos do que é autêntico ou não acerca de nossas manifestações culturais. Quando nos interrogamos acerca de qual música é autenticamente brasileira ou não, e assim por diante.

Na realidade estamos percebendo que vamos perdendo alguns valores, de tal modo que vivemos dizendo que precisamos acabar com urgência com a influência da música estrangeira sobre a música brasileira, que precisamos anular a influência da música popular sobre a música sertaneja, da música sertaneja sobre a música caipira e assim por diante.

Bem, mas o que tudo isto traduz em termos de cultura para nosso povo? Tudo isso serve para nos dizer que estamos aos poucos perdendo alguma coisa. Estamos perdendo a nossa "marca registrada". Ninguém sabe na verdade o que estamos perdendo, pois num país como este a mistura é muito grande, o que torna difícil estabelecer uma homogeneidade, a não ser em linhas gerais. O que sabemos entretanto é que várias de nossas manifestações culturais estão sendo esmagadas, adaptadas e reconduzidas ao cenário e ao palco

mais minorias deste país acham-se esmagadas pela brutalidade selvagem e desumana de uma sociedade egocêntrica, que considera o Índio como um obstáculo ao desenvolvimento da civilização.

Sabemos que os grupos indígenas ainda sob a tutela do poder público federal são calculados em torno de 220.000, sendo raras as tribos que vivem ainda sem o contato com branco, o que acontece especialmente na Amazônia, onde algumas tribos ainda conseguem resistir ao desejo insaciável do homem branco que luta a todo custo para ver desfeita uma cultura tão pura, autêntica e original.

Diante desse quadro triste e melancólico só nos resta como dissemos lutar em favor de uma nova política para o Índio brasileiro, cuja principal característica é saber respeitá-lo como ser humano, como raça, hoje em pleno e completo declínio, em franco desaparecimento, onde o maior exemplo vimos ainda recentemente no Alto Solimões. Torna-se necessário e obrigatório o reconhecimento de todos os seus direitos através de um trabalho voltado para suas carências e necessidades, onde antropólogos e sertanistas estejam unidos no sentido de despertar tanto nas comunidades indígenas, como entre os brancos, uma forte consciência de amor e respeito mútuo.

*Alvaro Catelan é professor de Literatura, conferencista, estudioso e divulgador da cultura popular.*

